

EMPODERAMENTO FEMININO ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA

Graziella Mencyle da Rocha Silva¹
Joseana Maria Saraiva²
Daisyvângela Eucrêmia da Silva Lima Santana³
Allan Felipe Domingues da Silva⁴
Ângela Maria Miguel⁵

RESUMO

O empoderamento feminino através das tecnologias da informação e da comunicação se trata de um fenômeno relevante e atual em que as mulheres se investem de poder a fim de promover ações que possam provocar mudanças em suas vidas. Nessa perspectiva, esse trabalho tem como objetivo analisar e compreender os impactos da formação profissional realizada para mulheres residentes em comunidades do Cabo de Santo Agostinho, através do Programa de Extensão “Qualificação para o Trabalho, Geração, Emprego e Renda”, mais especificamente, avaliar os impactos do curso “Empoderamento Digital Feminino” na vida das mulheres participantes. O referido programa vem sendo desenvolvido desde 2023 pelo Departamento de Ciências do Consumo /Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE/Pró-reitora de Extensão, Cultura e Cidadania/Proexc, em parceria com a Secretaria Executiva da Mulher da Prefeitura do Cabo de Santo Agostinho/PE e com a Unidade Acadêmica do Cabo de Santo Agostinho UACSA/PE. O Programa integrou o curso “Empoderamento Digital Feminino” cujo objetivo se constituiu de qualificar trabalhadoras para o desenvolvimento de habilidades, conhecimentos e competências no campo das

¹ Graduanda do Curso de Bacharelado em Ciências do Consumo da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, graziella.mencyle@ufrpe.br;

² Doutora em Serviço Social pelo Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE e Docente do Departamento de Ciências do Consumo da UFRPE, joseana.marias@ufrpe.br;

³ Mestre em Nutrição pelo Departamento de Nutrição da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE e Docente do Departamento de Ciências do Consumo da UFRPE daisyvangela.lima@ufrpe.br;

⁴ Graduando do Curso de Bacharelado em Ciências do Consumo da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, allandomingues2012@gmail.com;

⁵ Professor orientador: Mestre pelo Programa de Pós-Graduação de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa - UFV e Docente do Departamento de Ciências do Consumo da UFRPE angela.miguel@ufrpe.br;

tecnologias da informação e da comunicação, mais especificamente informática básica, mídias sociais e comércio eletrônico, numa perspectiva de gênero. Trata-se de um estudo de caso, de abordagem quanti/qualitativa, através do qual se avaliou as representações sociais de 12 mulheres, sujeitos da ação. Os resultados mostram que, embora, se evidencie aprendizados significativos no campo das tecnologias da informação e das comunicação, inclusive, o desenvolvimento de uma consciência crítica acerca das questões de gênero relacionadas às desigualdades de oportunidades no campo das tecnologias da informação e da comunicação, evidenciou-se uma desistência considerável do curso, atribuída pelas próprias mulheres à condição inferiorizada no campo da igualdade de direitos entre homens e mulheres, sobressaindo -se as condições econômicas que limitam as mulheres a conquistar sua autonomia e independência. Demandas urgentes que precisam ser providas pelo Estado e pela sociedade no sentido promover essas condições econômica e sociais para que as mulheres possam tornar-se empoderadas.

INTRODUÇÃO

A desigualdade de gênero no uso da tecnologia é uma problemática que vem se tornando cada vez mais crítica, refletindo diretamente no desenvolvimento social e econômico de muitos países. Historicamente, mulheres e meninas enfrentam barreiras significativas no acesso a recursos tecnológicos, educação e oportunidades de capacitação. Essa problemática é multifacetada e resulta de fatores históricos, culturais, sociais e econômicos que perpetuam estereótipos de gênero e limitam o potencial das mulheres na sociedade digital. A exclusão das mulheres do espaço tecnológico não apenas reduz suas oportunidades de emprego e desenvolvimento pessoal, mas também empobrece a inovação e a diversidade de perspectivas nas soluções tecnológicas. Diante desse cenário, a formação em educação tecnológica é essencial para combater a desigualdade de gênero. Cursos que promovem a inclusão digital e a qualificação que possibilite o desenvolvimento de habilidades tecnológicas são fundamentais tendo em vista empoderar as mulheres e meninas, proporcionando-lhes as ferramentas necessárias para atuar em igualdade no mundo do trabalho cada vez mais digitalizado, sobretudo, competitivo. Para tanto, a educação em tecnologia é imprescindível, tendo em mente, contribuir para desconstruir os estereótipos de gênero e possibilitar a igualdade e inclusão das meninas e mulheres no mundo digital, suas habilidades, conhecimentos e competências.

De acordo com Pinto (2007), nem sempre a tecnologia contribui para o empoderamento dos sujeitos, em muitos casos, pode atuar como um instrumento de alienação. Essa realidade evidencia a importância de um curso que não apenas ensine o uso técnico da tecnologia, mas também ofereça uma formação política e crítica sobre o impacto dessas tecnologias na sociedade. Nesse contexto, o curso de Empoderamento Digital Feminino, foi concebido a partir da solicitação das mulheres a Secretaria Executiva da Mulher do Cabo de Santo Agostinho-PE. Nessa direção, o departamento de Ciências do Consumo/UFRPE, incorporou essa demanda ao Programa de “Qualificação para o trabalho, geração, emprego e renda. A estrutura do curso foi organizada em quatro módulos: os dois primeiros focaram na formação social e política, enquanto os dois últimos se dedicaram aos conteúdos específicos referentes ao uso tecnologias da informação e comunicação, totalizando 150 hora/aula. Essa abordagem integrada e interdisciplinar, tornou-se fundamental visando possibilitar aos participantes não apenas desenvolverem habilidades práticas, mas, também compreendam o papel da tecnologia em suas vidas e na sociedade e suas contradições. Ao articular a formação técnica com a conscientização crítica / política, o curso buscou fundamentar as mulheres com o conhecimento necessário para navegar e influenciar o ambiente digital de forma crítica, consciente, atual e de qualidade.

Embora o conceito de empoderamento tenha vários contornos, para as feministas, o empoderamento de mulheres, se trata de um processo que envolve a conquista da autonomia e da autodeterminação. Dessa forma, o empoderamento das mulheres implica, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero e da opressão patriarcal, tendo como objetivo maior, o questionamento, a desestabilização e, por fim, a eliminação da ordem patriarcal que sustenta a opressão de gênero (Sardenberg, 2009). Para isso, recorre-se aos referenciais sobre gênero, com base em Joan Scott (1995), que o considera como o elemento central na distribuição de poder entre homens e mulheres.

Conforme apontado pela autora, em muitas análises da realidade, a atenção dada ao gênero não é explícita, no entanto, ela ratifica a importância dessa categoria como parte crucial ao se analisar a organização da igualdade e da desigualdade, bem como do empoderamento dos sujeitos. Para que se possa compreender as estruturas hierárquicas, são necessárias “[...] compreensões generalizadas das assim chamadas relações naturais entre homem e mulher” (Scott, 1995:91).

Sendo assim, umas das alternativas para o processo da tomada do poder se dá através da educação formal e dos instrumentos orientadores/dominadores do momento histórico e social. Nesse contexto, insere-se a importância da educação tecnológica com o objetivo tanto de apreender a usá-la quanto de saber quando e como usá-la a seu favor. Numa perspectiva crítica, Vieira Pinto (2005) assevera que, aos chamados filhos da técnica, há uma espécie de admiração e encantamento em decorrência do fenômeno chamado fetiche da mercadoria. Isso porque esses produtos povoam com mais intensidade a realidade física e social, tornando-se cada vez maior a diversidade de objetos artificiais ao alcance das mãos. Diante de tal fato, entende-se que o processo histórico da construção conceitual do termo tecnologia está diretamente ligado não só ao modelo de produção atual, mas, sobretudo, às transformações na estrutura produtiva do mundo do trabalho, que regulam e/ou fazem parte de um movimento macro onde a educação formal e especialmente a educação profissional e tecnológica (EPT), como espaço de formação da mão de obra qualificada, estão e são diretamente atingidos.

Potenciais Emancipatórios

De imediato vale ressaltar que para discutir o empoderamento é preciso levar em conta a divisão sexual do trabalho, que naturaliza espaços e atividades de homens e mulheres conforme coloca Kergoat (2009). Uma segunda categoria que concorre para o empoderamento se trata da condição socioeconômica e, portanto, definidora da classe. Para isso, levou-se em conta a ideia de empreendedorismo, que se trata de uma estratégia que conta com a emancipação social e política das mulheres, já que de acordo com Ruiz (2019), o empreendedorismo encontra-se relacionado à atividade de abertura de uma determinada atividade com fins produtivo e lucrativo.

Raça e gênero influenciarão no processo de empoderamento das mulheres. De acordo com Biroli e Miguel (2015), as chances de um indivíduo se localizar em estado de pobreza e vulnerabilidade, razão pela qual considerar somente um desses fatores em uma análise traria um resultado incompleto sobre a realidade social. Gênero, raça e classe, atuando de maneira unida, provocam hierarquizações entre as mulheres, deixando as que são negras em piores situações (BIROLI; MIGUEL, 2015).

Outro fator importante no processo de empoderamento se trata do sistema de crença, uma vez que o mesmo desenha através do discurso o lugar legitimado da mulher e do homem, retificando a desigualdade de gênero, conforme coloca Souza (2007). Dentre os sistemas de crença destaca-se o Neopentecostalismo, que é definido como

uma derivação do pentecostalismo clássico, que surgiu no ano de 1900 no estado do Kansas, nos Estados Unidos. Posteriormente, ele foi transferido para Los Angeles e para o resto do mundo, sendo caracterizado como um movimento e não como uma denominação estruturada (SANTOS, 2018). Vale ressaltar que o acionamento da teologia da prosperidade foi um fato que marcou a identidade desse grupo. Nesse sentido, ressalta-se que a Teologia da Prosperidade parte do princípio de que todos são filhos e filhas de Deus e, portanto, recebem os benefícios dessa filiação em forma de riqueza, livramento de acidentes e catástrofes, ausência de doenças, ausência de problemas, posições de destaque etc. Essa “teologia” oferece uma espécie de fórmulas para fazer o dinheiro render mais, evitar acidentes, livrar-se de doenças e problemas, aumentar as propriedades, além de viver uma vida sem dificuldades, conforme coloca Lemos (2017).

METODOLOGIA: Caminhos da Pesquisa

Este trabalho se trata de um estudo de caso, de abordagens quanti/quali, através do qual se avaliou as representações sociais de 12 mulheres, sujeitos da ação. Para o desenvolvimento da pesquisa foram aplicados 2 questionários. Um no primeiro dia do curso e outro no último dia. Os resultados mostram que embora se evidencie o desenvolvimento de uma consciência crítica acerca das questões de gênero relacionadas à desigualdades de oportunidades no campo das tecnologias da informação e da comunicação, evidenciou-se uma desistência considerável do curso, atribuída pelas próprias mulheres à condição inferiorizada no campo da igualdade de direitos entre homens e mulheres. Para as mulheres “os homens tem mais oportunidades do que elas no mundo tecnológico”. Isso porque eles não têm dupla ou tripla de jornada de trabalho como elas. Outro fator preponderante são as condições econômicas de pobreza das mulheres que vão refletir em dificuldades para as mulheres conquistarem sua autonomia e independência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nessa seção discute-se as categorias centrais que anunciam um relativo empoderamento, mais, especificamente, como as relações de gênero, condições de trabalho e classe, raça/cor, religião se evidenciam nas representações das mulheres, sujeitos do cursos.

Relações de Gênero

O curso ofertou 30 vagas para mulheres da cidade do Cabo de Santo Agostinho-PE. Todavia, apenas 8 mulheres finalizaram o referido curso. Os dados apresentam que essas mulheres encontravam-se com idades entre 18 e 49 anos. A ausência de mulheres interessadas no curso se justifica a partir da divisão sexual do trabalho, em conformidade com Kergoat (2009). Essa forma é historicamente adotada a cada sociedade, tendo por característica a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e simultaneamente a ocupação pelos homens das funções de forte valor social agregado, onde se insere a tecnologia. Sendo assim, a baixa procura pelo curso que se identifica com a tecnologia anuncia em certa medida que a sociedade do Cabo de Santo Agostinho ainda se organiza a partir de uma lógica conservadora sobre a distribuição e divisão sexual do trabalho.

Classe/trabalho

Com relação à condição de classe, mediu-se a partir da condição de renda. Sendo que dentre o grupo, 6 mulheres declararam receber um 1 salário-mínimo, e 2 recebiam mais do que 1 salário. Vale ressaltar que todas trabalhavam de forma autônoma fazendo uso das tecnologias para venderem seus produtos sob o ideal do empreendedorismo, todavia, informalmente e sem registro de classe. A palavra empreendedorismo tem origem francesa no vocábulo *entrepreneur* que faz referência a pessoa que inicia uma determinada atividade e assume os riscos de um negócio ou de uma empreitada (Ruiz, 2019). Como o grupo não tem registro e possui renda considerada popular, elas não conseguem acessar as políticas de crédito para o microempreendedor, anunciado pela baixa formação entre as participantes.

Raça/Cor

Com relação à cor, 7 se autodeclararam pardas e 1 se autodeclarou negra. Esses dados revelam a importância da identidade de uma cor mais branca para o grupo analisado. De acordo com Miguel e Biroli (2015), a cor/raça, gênero e classe concorrem para a desigualdade entre homens e mulheres, justificando, assim, a necessidade de um acionamento de uma identidade branca. Uma outra variável analisada foi o sistema de crença, apresentada a seguir.

Religião

No que se refere ao sistema de crenças, verificou-se que 6 entre as 8 mulheres são neopentecostais, conforme classificação de Santos (2018). A identidade religiosa das cursistas concorreu no processo de compreensão dos módulos de identidade de gênero, divisão sexual do trabalho e empoderamento feminino, trabalhado no curso em

questão. Dessa forma, o grupo frequentemente renegava e questionava a desigualdade de gênero, defendendo ser uma condição designada por “Deus”, e, portanto, não devendo ser questionado. O grupo defendia a desigualdade de gênero e a divisão sexual do trabalho como algo natural e previsto, inclusive na bíblia. Dessa forma, o sistema de crença se trata de um atributo que concorre para a reificação do patriarcado dificultando o empoderamento feminino.

Empoderamento Técnico

No que se refere ao empoderamento feminino a partir da tecnologia, observou-se que as 8 alunas já sabiam usar a tecnologia. Todavia, observou-se uma inabilidade em relação ao marketing digital, ou seja, elas não conseguiam criar conteúdo que despertasse o interesse de seus potenciais consumidores. Existem diversas definições para o marketing, Kotler (2001) define marketing como uma atividade que tem a função de identificar as necessidades do consumidor, determinar mercados-alvos e planejar produtos e serviços adequados a esses mercados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve com principal função analisar o impacto social da formação profissional voltada para mulheres de comunidades no Cabo de Santo Agostinho-PE, destacando a relevância do Programa de Extensão “Qualificação para o Trabalho: Geração, Emprego e Renda”, especialmente no que diz respeito ao Curso de Empoderamento Digital Feminino. A formação não apenas visa transmitir habilidades técnicas, mas também aborda questões sociais e políticas fundamentais para a emancipação feminina.

O curso começou com uma abordagem que enfatiza a importância da formação social e política, tratando de temas cruciais como relações de gênero, divisão sexual do trabalho e empoderamento feminino. A discussão sobre essas questões é vital, pois cria um espaço para que as participantes reflitam sobre suas realidades e identifiquem as barreiras que enfrentam no dia a dia.

Entretanto, algumas limitações foram observadas em relação aos potenciais emancipatórios do curso. A primeira delas está intimamente ligada à divisão sexual do trabalho, um conceito que ainda permeia muitas sociedades. Essa divisão contribuiu para a percepção de que o curso de Empoderamento Digital Feminino é um espaço masculino, levando a uma baixa adesão. Muitas mulheres podem sentir que o ambiente

tecnológico não é acessível ou apropriado para elas, o que demonstra a necessidade de desconstruir essa ideia.

Outra limitação significativa é a resistência ao debate de gênero. Muitas participantes parecem perceber as questões de gênero como algo natural e, portanto, não questionam a desigualdade existente. Essa resistência pode ser um reflexo de normas culturais profundamente enraizadas que desencorajam a discussão aberta sobre empoderamento e direitos. Para que as mulheres se tornem agentes de mudança em suas comunidades, é essencial que sejam estimuladas a dialogar sobre essas questões de maneira crítica.

Adicionalmente, a influência de sistemas de crença também se destacou como uma barreira importante. A maioria das participantes, seis das oito, se identificou como neopentecostalista, uma vertente religiosa que frequentemente promove uma visão patriarcal e naturaliza desigualdades sociais e de gênero. Esse contexto pode dificultar a aceitação de ideias progressistas relacionadas ao empoderamento feminino e à igualdade de gênero, perpetuando a submissão das mulheres a papéis tradicionais.

Por outro lado, a formação técnica oferecida no curso mostrou-se como um fator crucial para a emancipação do grupo. Ao adquirir conhecimentos e habilidades práticas, as participantes não apenas aumentam suas chances de inserção no mercado de trabalho, mas também desenvolvem uma maior confiança em suas capacidades. Essa capacitação técnica é fundamental, pois empodera as mulheres a buscar autonomia econômica, essencial para sua independência e para a superação das limitações impostas por contextos sociais e culturais.

Portanto, para que iniciativas como essa sejam verdadeiramente eficazes, é necessário ir além da simples transmissão de habilidades técnicas. É fundamental promover um ambiente que estimule o debate sobre gênero, desafie normas patriarcais e incentive a reflexão crítica sobre as desigualdades sociais.

Em suma, o curso de Empoderamento Digital Feminino representa uma oportunidade valiosa para a transformação social. Ao enfrentar as barreiras relacionadas à divisão sexual do trabalho, à resistência ao debate de gênero e à influência de sistemas de crença, é possível criar um espaço onde as mulheres possam se sentir empoderadas e capacitadas a mudar suas realidades e a contribuir para o desenvolvimento de suas comunidades. Essa mudança não apenas beneficia as participantes individualmente, mas também tem o potencial de criar um efeito positivo em cadeia, promovendo uma sociedade mais justa e igualitária.

Palavras-chave: Empoderamento Feminino, Gênero, Educação.

REFERÊNCIAS

- BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. Gênero, raça e classe: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades. *Mediações – Revista de Ciências Sociais, Londrina*, v. 20, n. 2, p. 27-55, jul/dez. 2015.
- LEMOS, Carolyne Santos. Teologia da prosperidade e sua expansão pelo mundo. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*. ISSN 2177-952x, v. 11, n. 20, p. 80-96, 2017.
- PINTO, Álvaro Vieira. *O conceito de tecnologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.
- SANTOS, Taimara Oliveira. *Neopentecostalismo no Brasil*. 2018.
- KERGOAT, Danielle. *Divisão Sexual do Trabalho e Relações Sociais do Sexo*. In: *Dicionário Crítico do Feminismo*. 2009.
- KOTLER, Philip. *Administração de marketing – análise, planejamento, implementação e controle*. São Paulo: Atlas, 6 ed. 2001.
- RUIZ, F. M. *Empreendedorismo*. São Paulo: Senac São Paulo, 2019. 121 p.
- SARDENBERG, C.M.B. *Conceituando Empoderamento na Perspectiva Feminista*. 2009. Disponível em <
<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista.pdf>> acessado em 07/08/2024.
- SOUZA, Sandra Duarte de. (org.) *Gênero e Religião no Brasil: Ensaio Feministas*. São Bernardo do Campo: Editora da Umesp. 2007.